

LÁPIDES FUNERÁRIAS LUSO-ROMANAS

NA CAPELA DE SANTO CRISTO DE PICOTE, EM TERRAS DE MIRANDA

Pelo P.^o ANTÓNIO M. MOURINHO

A capela de *Santo Cristo dos Carrascos* de Picote, no concelho de Miranda do Douro, está edificada numa pequena eminência de terreno, a nascente da aldeia, a querer dominar esta e as arribas do Douro.

Em volta da mesma e arredores, numa grande extensão, aparecem à flor da terra, muitos restos de telhas de rebordo, de cerâmica negra, moedas romanas e medievais, alicerces de velhas construções, ossos humanos, etc.

A extensão destes elementos domina toda a área da aldeia de Picote, desde o Douro até ao meio da actual povoação, que há poucos anos se tem estendido mais para Norte, fora desta área.

Os rastos de velhas civilizações que por aqui passaram, vêm em grau crescente, desde as margens do Douro até à aldeia.

Objectos de pedra polida, artefactos de bronze e outros fazem-nos supor que o homem eneolítico apareceu junto de Picote, nas margens do Douro. Reforçam esta opinião o aparecimento de um pico que o meu mestre e saudoso amigo Abade de Baçal descreve no vol. X das suas *Memórias...* 844, e que ele quer que seja de tipo asturicense. Este objecto apareceu num local chamado Castilho de las Rocas, perto de Picote, num local onde há vestígios evidentes de um castro pre-romano. Não muito longe, encontrou o meu amigo, Francisco Moreira, de Vila Chã, uma lâmina paleolítica de sílex.

Em ritmo ascendente, foi o homem caminhando através das idades e saindo da vala funda do Douro até se fixar, já na idade romana, às cavaleiras das arribas, no ângulo que dá para a planície.

A data das invasões romanas já devia existir em Picote um aglomerado populacional de relativa importância, de traços celtíberos, a julgar pelos nomes que aparecem nas inscrições fúnebres epigráficas, de mistura com nomes romanos, tais como *Reburrus*, *Reburrimus*, *Magana*, *Clouti*, *Arrius*, etc.

Estes nomes podem ser vistos e examinados através das numerosas lápides funerárias de granito e mármore que se encontram no Museu Regional do Abade de Baçal em Bragança.

A julgar pela extensão de terreno onde apareceram as lápides referidas já catalogadas, e onde outras ainda se encontram, à espera de serem recolhidas em Museu, sinais vivos de autênticas necrópoles, vemos que Picote foi uma das povoações mais impor-

tantes do Distrito de Bragança nos tempos pré-históricos, senão a mais importante.

Basta dizer que é Picote a povoação do Distrito que maior contingente de monumentos epigráficos Luso-romanos tem dado para o Museu do Abade de Baçal.

Voltando a referir-me à capela do Santo Cristo dos Carrascos, resta-me dizer que é um monumento medieval de relativa importância artística.

De estilo puramente romano, onde houve restauração setecentista, é composta de muros de silharia regular de granito, parecendo-se que os alicerces são mais antigos que os corpos dos muros.

Estes muros são encimados por uma cornija românica sustentada por modilhões zoomórficos e antropomórficos, onde aparecem também, com acentuado realismo, verdadeiros trechos pornográficos, tão do agrado artístico da Idade Média.

Diz uma tradição popular, não sei com que fundamento, que esta capela foi primitivamente mesquita dos mouros. Não seria por largo prazo, visto os árabes pararem por aqui pouco tempo, no sobe e desce inconstante que tiveram com os reis da Reconquista.

Como quer que seja, ainda aparecem agora sepulturas de pedra solta, cobertas com lagens de cantaria e dentro os esqueletos inteiros.

Capitéis românicos e moedas dos primeiros tempos da Nacionalidade atestam o medievalismo do templo.

Esta capela é um pequeno Museu arqueológico.

O ano passado encontrei dentro duas lápides de granito com inscrições incisas e mais outra, de que só resta a cabeceira com uma rosácea suástica, muito bem esculpida.

Encontrei outra de mármore branco, sem inscrição, e outra de granito que não deve ser luso-romana, mas também não deve ser moderna.

Ao todo — cinco lápides funerárias, três sem inscrições e duas com inscrições.

1.^a — Servindo de base de coluna, à nave esquerda da dita capela, encontra-se uma pedra de granito espesso em forma de paralelepípedo, com perto de 1^m,50 de altura, por 0^m,40 de lado, (a face da inscrição); e 0^m,35 de grossura.

A face da inscrição está voltada para o Norte.

As letras da inscrição têm 0^m,055 de altura. A inscrição, conforme está, e através de duas leituras, em épocas diferentes é a seguinte:

L A C C I L O
L A C C I F
I I I A N V. S.
V F V S. V X O R I

As últimas letras da primeira linha estão meias gastas, parece que por efeitos de pico. À frente do L, da segunda linha parece haver um ponto Assim como à frente do V e do S. da terceira linha, de interpretação duvidosa.

Todavia, a leitura faz sentido completo do seguinte modo: L(UCCIO) ACCILO L(UCCI) ACCI F(ILI) III AN(NORUM) V(OTUM) S(OLVENS) (R)UFUS UXORI.

O que, pasado para português, dá em perfeito sentido: *A Lúcio Accio filho de Lúcio Accio de três anos de idade (erigiu) Rufo (esta memória) em cumprimento de um voto de sua esposa.*

O S da última linha tem um ponto, o que nos faz pretender que não só é parte da palavra antecedente RUFU(S), como ainda lhe faltam letras de uma palavra seguinte, *suae*.

Este nome Lúcio Ácio ou Áccio é representante na literatura latina, do nome do grande Poeta trágico Lúcio Ácio que compôs diversas tragédias tiradas das lendas da Grécia heróica; e, com Ênio e Pacídio, formou a trindade dos grandes trágicos romanos. (Perdigão — *Dicionário Universal de Literatura*).

Segundo Alfred Gudman, *'História de la Literatura Latina'*, (Labor, Madrid, 1942) 54-58, Lúcio Ácio ou Áccio viveu desde os anos 170 a. c. a 85 a. c.. As suas obras e a sua pessoa estiveram muito em evidência durante a República romana. Era de uma fecundidade assombrosa e não se dedicou só à tragédia. Escreveu outros poemas líricos e dedicou-se ainda a estudos histórico-literários e filológicos. Foi contemporâneo de Cícero na sua mocidade e de outros notáveis Escritores romanos.

Este menino Lúcio Acciolo, de três anos de idade, filho de Lúcio Áccio, não quer dizer que fosse filho do grande literato romano. Não podemos afirmá-lo em absoluto. Mas o nome regista um homónimo do grande trágico romano que sepultou um filho em Picote, na Terra de Miranda, Distrito de Bragança, terra lusitana. Este nome aparece pela primeira vez na epigrafia bragançana.

Porém, não hesito em registar que, segundo a mesma *'História de la Literatura Latina'* de Alfred Gudman, 55, Lúcio Áccio «gozou da protecção de Décimo Bruto vencedor dos Galaicos espanhóis».

Ora a província da Galaecia era compreendida na Espanha romana, entre o rio Douro e o cabo de Finisterra.

Vemos, pela história, Décimo ligado à Galaecia em que a pré-história nos diz ser Picote um ponto muito importante; Lúcio Áccio ligado a Décimo vencedor dos Galaicos, compondo obras em seu louvor como a *fábula praetexta* intitulada *Brutus*.

Estará este Lúcio Acciolo, sepultado em Picote, ligado por uma família com o grande Poeta trágico romano? — Ou é um homónimo apenas?

2.^a — À esquerda de quem entra na mesma capela, uma pedra quadrada emerge do chão, enterrada em parte no pavimento.

Pelas aparências, deve ter bastante altura, talvez mais de um metro, mas apenas 0,30 centímetros estão fora da terra. É quanto nos basta para vermos o seu valor substancial.

O topo, que é liso, tem no centro uma incisão igual à de uma cunheira, como outra do mesmo tipo, um pouco mais grossa, que está junto da casa da residência paroquial de Duas Igrejas.

Deixam perceber estas duas lápides que foram bases de mo-

numentos funerários em que houve mais peças encaixadas, sobrepostas.

A inscrição desta é incisa, em letras romanas de 0^m,055 de altura.

Metade das três primeiras letras da primeira linha estão partidas, por corresponderem à esquina da pedra que está esborçada. O restante da inscrição está completo:

JULIANVS ET
CIVLMVS TA
RVS PATRI

JULIANUS ET CIULMUS TARUS PATRI. A leitura desta lápide não oferece dúvidas: Juliano e Ciulmo Taro (ergueram esta memória a seu) pai.

Estes nomes Juliano e Ciulmo surgem pela primeira vez na epigrafia bragançana. Taro é um nome de homem que aparece em inscrições romanas de outras regiões. Em Bragança é a primeira vez que se encontra, e creio que, no catálogo do grande epigrafista que foi Martins Sarmiento, — ele não aparece em inscrições de região minhota.

3.^a — Na mesma capela, junto do arco cruzeiro, do lado direito, faz de pavimento entre outras pedras de granito uma lápide funerária luso-romana de mármore branco de sete palmos de comprida por dois de larga.

É encimada por uma rosácea suástica de seis raios, semi-apagados de tanto pisarem em cima. A inscrição já os pés da gente a gastaram.

4.^a — Na mesma capela, do mesmo lado, está a fazer de pavimento outra lápide, cabeceira de uma grande e certamente majestosa estela funerária, a julgar pela insculptura da rosácea suástica. Esta tem oito raios, não redondos, mas partidos em turbina.

Mais pedras ainda tem esta capela de valor arqueológico inculável.

Outras capelas há em Terra de Miranda, assentes sobre castros pré-romanos ou centros de população antiga, que nos são de grandes luzes para a história antiga da região.

MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

«Tendo verificado que, em contravenção das regras ortográficas oficialmente aprovadas, se continua a fazer uso das respectivas iniciais, sem qualquer pontuação, para referência dos Serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones; sendo necessário, a bem da Língua Portuguesa, evitar este e outros atropelos; lembra-se: a) que todos os Serviços e Organismos devem ser designados por extenso evitando-se a referência às iniciais das suas denominações; b) que nos casos em que excepcionalmente se tenham de indicar esses Serviços ou Organismos pelas iniciais devem estas ser seguidas da indispensável pontuação, 20 de Maio de 1947». — O Subsecretário — RUI DE SA CARNEIRO.